



A LIAHONA

JUNHO

1969





Mensagem de Inspiração

Sterling W. Sill

Assistente do Conselho dos Doze

A água é o elemento universal e o símbolo da vida. Jesus a empregou para descrever um testemunho pessoal da sua divindade. A água pura será também um dos segredos da regeneração da terra para o seu milênio. Disse o Senhor: "E nos desertos... não mais serão terra sedenta." (D&C 133:29) A água é também um símbolo de pureza, e Jesus indicou que após nos termos purificado pelas águas do arrependimento, deveríamos ser batizados e ter nossos pecados lavados pelo seu sacrifício expiatório.

Deus proveu a nossa terra com grandes reservatórios subterrâneos e enterrou rios que possam ser trazidos à superfície da terra para mantê-la bela e produtiva. Semelhantemente, há grandes poderes espirituais que podem ser usados para vitalizarem o nosso espírito e tornarem a nossa vida bela e feliz.

E na tranqüila obediência da nossa fé e amor da justiça, Deus poderá tocar estas ocultas habilidades implantadas nas profundezas da nossa alma e libertar grande força espiritual para purificar a nossa vida e efetuar a nossa eterna exaltação na sua presença.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Sterling W. Sill	2
A Esta Perfeição Ideal. Pres. David O. McKay	3
A Igreja no Alasca. Eleanor Knowles	5
Amor de Inspiração. Reed H. Bradford	9
Ombro a Ombro. Max Elliott	12
Depende de Como Você o Encara. Ray & Janet Balmforth	14
O Novo Sistema GIANT. Genealogia	16
As Novas Roupas do Imperador. Hans C. Andersen	17
Mariquinha Porco-Espinho. Majorie H. Gardner	20
Por Toda a Eternidade... Harold B. Lee	21
Testemunho. John H. Vandenberg	24
Sem Preocupação Alguma. Willard M. Romney	26
Ofícios do Sacerdócio. Richard O. Cowan	28
Missão Brasileira do Norte. F. Máximo	31
Quando as Crianças... Richard L. Evans	32

Capa

As fotos da capa apresentam um mosaico de aspectos vários das gelidas terras o Alasca. Leia na página 5 o artigo sobre a propagação do Evangelho Restaurado nas terras árticas.

Vol. 22 — Junho de 1969 — Número 6

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro

R. São Tomé, 520 — V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro, 215, CP 862
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul

R. Dr. Flores, 105, 14.º — CP 3071
Porto Alegre, RGS
Tel. 4-9748

Missão Brasileira do Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 25-1839

Missão de Construção

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

A LIAHONA — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguesa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Imprensoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 6,00; para o Exterior simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr\$ 0,60; exemplar atrasado: NCr\$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.



A Esta Perfeição Ideal

Presidente David O. McKay

Liberdade — liberdade individual — é o resultado da obediência à verdade. Há quase dois mil anos, perguntou Pilatos: "Que é a verdade?" (Jo. 18:38) Esta questão continua sem resposta, mas temos uma idéia do que seja a verdade.

Dizem os estudiosos: "A verdade é a conformidade com o fato. Significa fidelidade, constância, lealdade.

Se você deseja ser livre, siga os caminhos da verdade, caminhos que conduzem a alegrias eternas.

Num sentido abstrato é o ser real." Nós cantamos a questão, "A verdade o que é?" e respondemos: "Jóia de valor." (Hinos, 102)

A verdade é a substância de todas as coisas. Está registrado em Doutrina e Convênios: "E a verdade é conhecimento das coisas como são, como eram e como serão." (D&C 93:24) É muito significativo que Jesus tenha dito aos que nêle criam: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." (Jo. 8:31-32)

Isto é liberdade — liberdade individual.

A consciência nem sempre é um guia seguro para a verdade. Não obstante, aqueles que continuam a seguir a Cristo, aqueles que o aceitaram e tomaram sobre si o seu nome, aqueles que receberam o batismo e vieram para uma novidade de vida, não somente terão a orientação do Espírito de Cristo, mas também, após a subsequente confirmação, a orientação e a inspiração especial do Espírito Santo, membro da Divindade.

Espiritualidade é a consciência da vitória sobre si mesmo e da comunhão com o Infinito. Espiritualidade impele a sobrepujar as dificuldades e adquirir mais e mais força. Sentir o desdobrar das faculdades e a expansão da alma pela verdade é uma das mais sublimes experiências da vida.

Ser "honesto, verdadeiro, casto, benevolente, virtuoso e... fazer o bem a todos os homens" — são atributos que contribuem para a espiritualidade, a mais elevada aquisição da alma. É o divino no homem, o supremo, o dom capital, que o faz rei sobre todas as criaturas.

É divina esta admoestação com promessa dada por intermédio do Profeta Joseph Smith:

"... que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

"O Espírito Santo será o teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno, e sem medidas compulsórias fluirá a ti para todo o sempre." (D&C 121:45-46.)

Esta é a promessa segura para os que são batizados e confirmados por quem tenha autoridade do alto, e que vivem de modo a que o Espírito Santo possa ser o seu companheiro constante.

Os que continuam a seguir esta orientação conhecerão a verdade, e a verdade os tornará livres — não fingindo seguirem, mas com sinceridade.

É uma verdade eterna que ao estudarmos, seja as coisas espirituais ou as do mundo, o conhecimento que recebemos somente nos prepara para recebermos mais no campo de trabalho que escolhemos. A fonte do conhecimento é inexaurível pelos padrões humanos.

Oh, meus amados irmãos, irmãs e amigos, há uma filosofia do reto viver; é a filosofia que desenvolve o espírito e nos conduz à possibilidade do que os mortais podem alcançar — a perfeição ideal do nosso Salvador. Eu o sei.

Os jovens que buscam um atalho para a felicidade e o prazer nesta vida terão que pagar o preço, e ficarão comprometidos; tornar-se-ão escravos do pecado, e a felicidade que buscam tornar-se-á em cinzas para a sua alma.

Que maravilhosa lição o Salvador deu na parábola do Filho Pródigo. O rapaz tinha um bom nome, um bom lar, oportunidades para alegrias e prazeres reais na vida, e uma boa ocupação. Mas, compreendendo que seus irmãos e ele eventualmente partilhariam a riqueza do pai, determinou-se a seguir em pós da sua própria idéia de felicidade. Queria ser livre e não mais sujeitar-se ao seu pai.

Recordo-me de uma jovem que certa vez escreveu a mim:

"Tenho 16 anos. Meu pai não me compreende; minha madrasta não me permite sair; e eu quero sair." Ela estava irritada por estar sendo constrangida em casa. Para o seu pai ela era ainda criança, e ele não compreendia que ela já desabrochava mulher e estava desejosa de experimentar suas asas.

Creio que o Filho Pródigo sentia-se assim, pois sabemos o que disse ao seu pai: "Pai, dá-me a parte que me cabe dos bens." (Lucas 15:12) Ele recebeu sua porção e gastou da mesma maneira como milhões o fazem hoje em dia — buscando os prazeres em vez da verdade. Pensou que encontraria prazer em beber. Depois enveredou por um viver desregrado. Julgou que tinha liberdade, mas estava tornado-se escravo, preso à servidão, e descobriu que não havia conseguido qualquer felicidade.

Se você deseja ser livre, siga os caminhos da verdade — caminhos que conduzem a alegrias eternas.

É necessário ter coragem para seguir a verdade no sentido em que empregamos o termo aqui. Ser verdadeiro a si mesmo, ao que julga ser certo, ao que sabe ser certo.

Oro para que possamos ter esta espécie de coragem ao enfrentarmos nossas tarefas na vida.

A Igreja no Alasca

Eleanor Knowles



O vento setentrional estava cortante naquela tarde de setembro de 1910, quando um grupo de mineiros curiosos, caçadores de peles, pescadores e outros circunstantes, juntaram-se naquela praia do Mar de Bering. Estavam ali para testemunhar um evento bastante singular. Às duas horas da tarde, o Dr. E. G. Cannon, sumo sacerdote já com 90 anos de idade, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, subiu ao palanque e falou aos espectadores sobre a Igreja. Então, tomou a Sra. A.W. Anthony, que estava vestida de branco, e levou-a para as águas onde, com ondas agitadas rebentando sobre a praia, batizou-a como membro da Igreja.

O majestoso Monte McKinley, o ponto mais elevado da América do Norte, cobre-se de um espesso manto de neve mesmo no verão.

Em dezembro de 1967, um acontecimento similar efetivou-se próximo a Hyder, Alasca. Nora McCrae, de Stewart, Colúmbia Britânica, interessara-se pelo Evangelho e escrevera à Missão Alasco-Canadense sediada em Vancouver, na mesma província, solicitando maiores informações. Após vários meses de correspondência com a Irmã Erma T. Hinckley, esposa do Pres. Arza A. Hinckley, solicitou o batismo. Passaram-se várias semanas até que dois missionários pudessem viajar a Stewart. Em três dias apresentaram a ela as lições e a acharam digna do batismo. Mas não havia lugar para batizá-la, o lago das proximidades da cidade estava con-



gelado com uma camada sólida de mais de meio metro de espessura. As pessoas daquela região sabiam que a jovem senhora desejava ser batizada, e num domingo de manhã, alguém telefonou de Hyder, distante mais de 50 quilômetros, contornando a baía, para dizer-lhe:

“Se você vier para cá imediatamente, poderá ser batizada no oceano. A maré está ótima”.

A Irmã McCrae, os dois missionários, e muitos dos moradores de Stewart tomaram seus automóveis, e a caravana dirigiu-se para Hyder sob pesada nevasca. Ao aproximarem-se do mar, a tempestade de neve começou a amainar e um rasgo de azul abriu-se no céu escuro. Com o sol começando a brilhar através das nuvens a Irmã Nora McCrae foi batizada na Igreja. Então, ao deixarem o local, recomeçou a nevasca.

Estas são apenas duas das muitas pessoas que aprenderam sobre a Igreja, converteram-se e batizaram-se nas gélidas águas do quadragésimo nono Estado norte-americano.

Alasca, o maior e menos populoso dos Estados norte-americanos, tem experimentado um tremendo crescimento e a Igreja está crescendo com êle. Hoje, cerca de cinco mil santos dos últimos dias vivem ali, comparados com 450 em 1950 e 11 em 1935. A estaca do Alasca, que se estende de Anchorage para 480 quilômetros ao norte (12 horas de trem!) até Fairbanks, tem 3.300 membros. Outros 1.800 membros estão na missão. Em termos de área, a Missão Alasca-Canadense é uma das maiores da Igreja. Além do Alasca, inclui a Colúmbia Britânica e o Território do Yukon, ambos no Canadá — uma vasta área de 2.850.000 quilômetros quadrados.

Quem são os membros da Igreja no Alasca? São mineiros, profissionais liberais, pilotos particulares e de carreira, militares e funcionários, pescadores, caçadores, fazendeiros e sitiantes, funcionários públicos, construtores, negociantes, donas de casa, crianças — de fato, um corte transversal dos interesses e ocupações encontráveis por toda parte. Mas há uma diferença. Este povo tem uma característica importante em comum: o espírito de pioneirismo. Para onde quer que nos dirijamos no Alasca, tem-se a impressão de estar numa versão moderna do ambiente da fronteira norte americana do século passado. Há uma sensação de urgência, de propósito, de aventura com respeito aos habitantes do Alasca e ao próprio Alasca.

Exceto por um breve período no final do século passado, quando a corrida do ouro atraiu milhares de aventureiros para lá, o despertar desta fronteira veio vagarosamente. Há mais de duzentos anos, a única porção de terra ainda não descoberta e não incluída nos mapas era a costa noroeste da América do Norte; os mapas de então terminavam na costa setentrional da Califórnia. Desconhecia-se até mesmo se a Ásia e a América eram ligadas.

Em 1731, Vitus Bering, navegador a serviço de Pedro, o Grande, da Rússia, velejou através do estreito que agora tem o seu nome, provando que os dois continentes não eram ligados. Numa segunda viagem feita em 1741, aportou nas proximidades do Monte Saint Elias, a menos de 16 quilômetros da que agora é a fronteira alasca-canadense. Concluindo que a nova terra era na verdade a América, e não outra ilha ou subcontinente, Bering tornou-se assim a primeira pessoa a descobrir e identificar a América numa expedição vinda do oeste.

Não foi senão cinquenta anos mais tarde que o primeiro povoamento russo estabeleceu-se na América, quando uma expedição lançou âncora na baía de Três Santos, na ilha Kodiak. Os russos começaram a estabelecer entrepostos comerciais ao longo dos principais rios e a explorar peles da nova região para o governo Imperial. Entrementes, vasos britânicos, franceses, es-



Esta velha capela russa em Kenai, Alasca, é uma relíquia da colônia russa aqui estabelecida no século dezenove.

panhóis e americanos também faziam explorações nas altas latitudes, buscando o rico negócio de peles. Por volta de 1867, a lontra e a foca haviam quase que desaparecido da região, e com o esgotamento desse valioso recurso, o Czar decidiu vender as terras.

Em 30 de março de 1867, foi assinado um tratado entre a Rússia e os Estados Unidos. Um ano depois, quando a Câmara dos Deputados foi solicitada a pagar os 7.200.000 dólares do custo das terras, muitos deputados chamaram o território de “Icebergia”. E pelos 30 anos que se seguiram, prevaleceu o conceito de que a

compra do Alasca fôra "um inútil esbanjamento de dinheiro em gelo e neve adequado apenas para as morsas e ursos polares."

Então, em 1897, os jornais de Seattle estamparam a manchete: "Uma Tonelada de Ouro!" O navio S. S. Portland tinha atracado com os primeiros dividendos do achado de Klondike, no território canadense do Yukon. Imediatamente, aventureiros de toda a América afluíram aos campos auríferos do Canadá e do Alasca. Alguns tornaram-se fabulosamente ricos, mas a maioria ficou de mãos vazias. Dentro de duas décadas, os mais ricos veios esgotaram-se, e novamente o Alasca caiu no esquecimento. A verdadeira riqueza da terra ainda estava por ser aproveitada; e, quando o século vinte alcançou a maturidade, companhias e indivíduos empreendedores puseram-se a explorar os maiores recursos naturais do Alasca: petróleo, minérios, potencial hidrelétrico, gás natural e florestas.



O Alasca foi "abençoado e dedicado à pregação do Evangelho" nas vizinhanças de Juneau, em 6 de junho de 1928. O élder Meeks, o segundo a partir da direita, proferiu a oração, os demais presentes são os élderes Alvin Englestead, James Judd e Lowell Plowman.

A segunda guerra mundial trouxe renovado interesse no Alasca, pois os rincões mais longínquos do Estado são estrategicamente próximos do Japão e da União Soviética. Ao instalarem-se tropas japonesas em Attu e Kiska, nas Aleutas, os Estados Unidos apressaram-se em estabelecer bases militares e sistemas de alarme em toda a extensão do vasto território. Hoje, várias instalações militares chave estão ali permanentemente baseadas, e o governo é o maior empregador da região.

Até o surto dos anos de após-guerra, o crescimento da Igreja no Alasca foi lento. Talvez, o primeiro santo dos últimos dias a se deslocar para lá foi o Dr. E. G. Cannon, em busca de ouro. Convertera-se à Igreja em 1871, e ao viajar pelo Alasca, mantinha uma "capela sobre rodas" na qual realizava reuniões nos campos de mineração nas regiões de Nome e da península Seward. Em Nome veio a conhecer K. N. Winni a quem ensinou o Evangelho e batizou no Mar de Bering, em 25 de junho de 1902. Juntos, ambos atuaram como missionários não oficiais da Igreja até à morte do Dr. Cannon.

O Território do Alasca ficou sob a jurisdição da Missão dos Estados do Noroeste durante o primeiro quarto do século e posteriormente passou a integrar a Missão Alasca-Canadense. Os primeiros missionários foram enviados a Juneau em 1913, e alguns outros visitaram a região posteriormente, mas com escasso sucesso.

Então, em 1928, o Pres. William R. Sloan, da Missão dos Estados do Noroeste, enviou quatro missionários: Heber Meeks, Alvin Englestead, James Judd e Lowell Plowman — a Juneau, para verificarem quais seriam as condições para estabelecer-se ali um distrito. Elder Meeks, um missionário de prazo curto vindo de Kanab, Utah, escreveu: "Na manhã seguinte (6 de junho) jejuamos. Subimos a um monte sobranceiro à cidade e à baía, escolhemos cuidadosamente um belo lugar e ali oferecemos a nossa prece, abençoando a terra e dedicando-a à pregação do Evangelho... A cerimônia nos impressionou bastante e sentimos que o Senhor nos está abençoando."

Quando os missionários retornaram ao seu hotel, um repórter os procurou solicitando uma entrevista para o seu jornal. No dia seguinte, os élderes apresentaram um exemplar do Livro de Mormon ao editor do jornal local. Foram convidados a falar na Câmara de Comércio durante um almoço, e o jornal local estampou na íntegra a sua palestra. Ao deixarem o Alasca, haviam vendido 1.300 cópias do Livro de Mórmon.

Em agosto de 1928, Elder Plowman escreveu que o trabalho progredia particularmente entre os índios. Relatou: "Os índios são orgulhosos do seu sangue e sabemos que têm uma boa razão. Ficaram muito ansiosos em comprarem e lerem o Livro de Mórmon. Estão interessados em conhecer sobre os seus ancestrais. Ouvem atentamente tudo o que lhes é dito, e o que temos a dizer-lhes lhes satisfaz. Têm uma lenda que fala da aparição de Cristo a eles. A lenda é muito similar à corrente entre os aztecas.

"Ontem visitei uma casa na qual vários índios estavam reunidos. Não concordavam quanto a uma religião comum. Uma senhora disse que alguém viria e que poderia explicar a religião dos seus pais a eles. Neste momento cheguei. Uma das irmãs crê que fui enviado por Deus para explicar-lhes a sua religião, e tenho um encontro marcado com eles para esta tarde."

**As pessoas que povoaram o Alasca são, via de regra, amigáveis de mente aberta.
Este caráter facilitou a rápida propagação do Evangelho naquelas terras.**

Os esforços missionários foram esporádicos durante a década de 1920 e 1930, e os poucos santos do Alasca eram pessoas que se converteram à Igreja antes de irem para o Alasca em busca de fortuna ou para tomarem posse de terras. Um destes, Stewart C. Campbell, de Washington, D.C., bisneto do Pres. Brigham Young, foi gerente imobiliário de um grupo de 200 famílias oriundas de Michigan, Wisconsin e Minnesota, e planejou fixar-se no vale de Matanuska, ao norte de Anchorage, em 1935. Relatou: "Esta expedição está sendo feita com dinamite, tratores e outros recursos modernos para abater as florestas e subjugar a terra, em vez de carros de boi e de mão dos antigos pioneiros, mas sei que teremos que passar por muitas das mesmas experiências que eles tiveram. Parece-me a coisa mais natural do mundo estar empenhado num movimento pioneiro após ter sido criado numa dieta constante de experiências e histórias de pioneiros."

Em julho de 1938, o Pres. Preston Nibley e esposa, da Missão dos Estados do Noroeste, excursionaram pelo território. Em 10 de julho organizaram o ramo de Fairbanks, o primeiro ramo da Igreja no Alasca, com cerca de vinte membros. Nesta noite, mais de cem visitantes e investigadores compareceram a uma reunião pública realizada no Salão Maçônico. Em seguida, cinco pessoas apresentaram-se dizendo serem mórmons que viviam na cidade já por muitos meses sem saberem que ali havia outros.

A primeira reunião pública de Anchorage deu-se em 23 de março de 1941. Na semana seguinte, o capitão de Fort Richardson, uma base militar ao norte da cidade, arranhou para que dois dos élderes — Lester F. Hewlett e Clifton B. Thomas — realizassem as reuniões religiosas do lugar. Nesta época havia 300 santos no Alasca.

Com este novo ímpeto, o número de membros da Igreja começou a aumentar firme, senão rapidamente, durante as duas décadas seguintes. Muitos dos membros que lá se estabeleceram, eram santos que haviam sido ex-missionários no Alasca ou que lá estavam estacionados com as Forças Armadas. Além disso, o trabalho missionário frutificou bastante. Um dos maiores fatores contribuintes para o sucesso das conversões é a própria natureza dos residentes: via de regra, as pessoas que povoaram o 49.º Estado são amigáveis, de

mente aberta e despreocupadas. Os laços de vizinhança são mais fortes devido aos rigores do clima e ao relativo isolamento das demais comunidades. Assim, parecem ser mais suscetíveis de ouvirem os emissários de uma Igreja cujos membros são igualmente unidos, vigorosos e amigáveis.

Aproximadamente um sexto da população do Alasca são esquimós, descendentes dos imigrantes pré-históricos da Ásia, e índios. Em 1964 foram chamados missionários para pregarem especificamente a este povo. Segundo o élder Stewart Durrant, ex-presidente da Missão Alasca-Canadense: "Os batismos de lamanitas têm dado à Igreja alguns líderes ótimos, entre os quais acham-se construtores de capelas, missionários de tempo integral e líderes do sacerdócio e das auxiliares." Foram estabelecidos seminários para os índios e muitas das crianças índias estão participando do Programa Índio de Colocação.

As viagens apresentam alguns dos maiores problemas para o trabalho missionário, pois há poucas estradas pavimentadas naquele vasto Estado. O avião tem se tornado o mais econômico, eficiente e rápido meio de viajar, e os alascanos possuem mais aviões particulares "per capita" do que os moradores de qualquer outro Estado. Os "campos" de pouso vão desde os aeroportos modernos até superfícies geladas dos lagos, pântanos, cascalhais, campinas, rios, lagos e baías para aviões anfíbios. Dessa forma, membros e ramos da Igreja podem ser encontrados até mesmo em ilhas remotas.

A ilha Kodiak, terra do urso kodiak e da melhor pesca do mundo, tem um ramo forte com cerca de 170 membros, principalmente funcionários e seus familiares.

A ilha Annette, no sudoeste, tem 24 membros. Os missionários foram expulsos dessa ilha há vários anos por sacerdotes que afirmavam ter a ilha sido dada aos índios e que estes não queriam outra religião. Não obstante, o presidente do ramo, John Gilmur, que desposou a filha de um chefe índio, tem mantido os membros dali ativos, e graças à influência da esposa e do sogro, novamente os missionários foram admitidos na ilha. Não lhes é permitido ir de porta em porta, mas os membros convidam os amigos a virem às suas casas e lá os élderes os ensinam.

Conclui na página 23

AMOR DE INSPIRAÇÃO

Reed H. Bradford

Você já encontrou alguém cujo amor por você tem como meta final sua realização divina? Isto significa que ele o reconhece como um filho do nosso Pai celestial. Ele sabe que existe em você uma essência divina que tem muita potencialidade. Ele o assiste na aquisição de conhecimentos e entendimento. Ele o ajuda a aprender os princípios em que se baseiam a salvação e a vida eterna. Ele é paciente quando você comete um erro. Ele não tem a intenção de "desferrar-se" nem de descarregar em você a própria frustração causada por sua imaturidade, mas sim de iluminá-lo. Quando você lhe pede perdão por algum pecado ou erro cometido, ele lhe concede de todo o coração. O exemplo que ele nos deu nos ajuda a aprender a conduzirmo-nos com maturidade.

É assim que o Salvador nos ama — muitos exemplos o ilustram. Considere as seguintes Escrituras:

... Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Sabes os mandamentos: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra a teu pai e tua mãe. Então ele respondeu: Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude. Mas Jesus, fitando-o, o amou e disse: Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; então vem, e segue-me. Ele porém, contrariado com essa palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades. Então Jesus, olhando ao redor, disse aos discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! (Marcos 10:17, 19-23)

Em outra ocasião disse Jesus:

Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e Eu, o Senhor, deles não mais Me lembro. (D&C 58:42)

Como o nosso Salvador tem frisado em muitas ocasiões, seu desejo básico é que nos tornemos seus filhos e filhas a fim de que possamos experimentar a mesma paz, serenidade, desenvolvimento, realizações e alegria que Ele próprio experimenta. Para todo aquele que é sensível, esse tipo de amor é uma inspiração. Veremos a seguir como isso pode ser conseguido.

JOHNNY LINGO

"... Deixe que Johnny Lingo o ajude a encontrar o que deseja e permita que ele regateie e feche o negócio", aconselhou-me Shenkin enquanto eu descansava na varanda da sua casa de hóspedes a imaginar se devia ir a Narabundi. "Ele fará mais do que jus à sua comissão, pois Johnny conhece o valor das coisas e sabe como fazer um bom negócio."

"Johnny Lingo!" gritou um garoto gorducho em tom de mofa, enlaçando os próprios joelhos e retorcendo-se de tanto rir.

"Cala-te", exclamou o pai silenciando o riso, que agora só se revelava pelos tremores do pequeno corpo. "Johnny Lingo é o melhor negociante dessa parte do Pacífico."

Esta simples afirmação fez o garoto engasgar-se e quase rolar da escada. Os aldeões que se quedavam ali por perto sorriram abertamente.

"O que há?" perguntei. "Todo mundo por aqui me aconselha a procurar Johnny e depois se interrompe. É alguma brincadeira, uma piada, como fazer alguém de tolo? Não existe tal pessoa ou será o bobo da vila ou o que? Expliquem a graça."

"Não é piada", disse Shenkin. "Quando lhe dizemos que procure Johnny estamos-lhe dando um bom conselho."

"Há apenas uma coisa. Há cinco meses, por ocasião do festival, Johnny veio a Kiniwata e escolheu uma esposa. Ele pagou ao pai da moça oito vacas!"

Pronunciou as últimas palavras solenemente e eu conhecia o suficiente sobre os costumes naquela região para ficar grandemente impressionado. Duas ou três cabeças de gado seria o preço justo para uma esposa razoável, quatro ou cinco para uma excepcional.

"Puxa", exclamei. "Oito vacas! Deve ter sido de uma beleza estonteante."

"Bem, ela não é feia", concordou sorrindo, satisfeito com minha reação. "Mas mesmo os mais bondosos a chamariam somente de simples... Era pequena e magricela... Andava de cabeça baixa e ombros caídos, como se quisesse esconder-se atrás de si mesma. Tinha as faces pálidas, os olhos estavam sempre semi-cerrados e seu cabelo emaranhado lhe escondia a metade do rosto. Tinha medo da sua própria

sombra, assustava-se com a própria voz. Não tinha coragem de falar ou rir em público. Nunca participava nas traquinagens das outras meninas, portanto como poderia atrair a atenção dos rapazes?"

"Mas conseguiu atrair Johnny? Como o conseguiu?"

"Durante todo o trajeto para a tenda do conselho os parentes insistiam com Sam para que conseguisse um bom acôrdo. Peça três vacas, diziam, então insista em receber duas até que você esteja certo que não pagará mais do que uma. Mas Sam estava tão aflito e temeroso de que a chance de Sarita casar-se poderia gourar que sabiam que êle não iria fazer exigência alguma. Por isso, enquanto aguardavam já estavam resignados a aceitar uma vaca pensando na felicidade de conseguir um marido tão bom para Sarita. Então Johnny entrou na tenda e sem esperar que alguém pudesse proferir uma única palavra, dirigiu-se diretamente a Sam Karoo e, agarrando a mão dêste, disse: 'Pai de Sarita, ofereço-te oito vacas pela mão de sua filha.' Sam julgou tratar-se duma brincadeira e tentou libertar a mão. Mas Johnny continuou segurando-a até que o pai e os parentes se convenceram de que ficara doido e que seria melhor selar o contrato antes que voltasse a si."

"E êle entregou as vacas?"

"Imediatamente... O casamento foi celebrado na mesma noite e assim que terminou a cerimônia, Johnny levou Sarita para a ilha de Cho para passar a primeira semana da lua de mel. Depois voltaram para Narabundi e desde então ainda não os vimos..."

"Oito cabeças de gado", exclamei incrédulo..." Gostariada de encontrar-me com o Johnny. Por muitas razões."

Eu estava à procura de peixe, de legumes e de pérolas e assim na tarde seguinte aportei em Narabundi. Ao perguntar o caminho para a espaçosa casa de Johnny Lingo notei com interesse passageiro que a menção do nome não provocou nenhum sorriso nem sequer um simples piscar de olhos nas pessoas a quem me dirigi. E quando encontrei o moço esbelto e sério e fui convidado a entrar em sua casa com tal graça que me fez sentir como se fôsse a minha, fiquei satisfeito em sentir que sua gente o respeitava sem o mínimo sinal de zombaria...

Sentamo-nos em macias cadeiras de bambu trançado no cômodo principal da casa e falamos das coisas que eu desejava adquirir. Concordei em me levar a bons pesqueiros, a vender-me legumes e conseguir pé-

rolas a um preço razoável. Então perguntou: "O senhor veio de Kiniwata?"

Sim, respondi-lhe, foi lá que me aconselharam a procurá-lo.

"Êles ainda falam muito de mim naquela ilha?"

"Sim, disseram-me que não haveria nada do que desejo que você não poderia conseguir."

Sorriu imperceptivelmente. "Minha espôsa é de Kiniwata."

"Sim, eu sei."

"Êles ainda falam muito dela?"

"Um pouco."

"O que dizem?"

"Bem, sômente..." A pergunta me pegara desprevenido. "Disseram-me seu nome e o do pai e que vocês se casaram por ocasião do festival."

"Nada mais?" As sobrelhas erguidas me diziam que sabia que houvera mais.

"Contaram-me também que o dote foram oito vacas." Calei-me por um instante e depois prossegui procurando evitar uma pergunta direta. "Êles querem saber por que."

"Realmente?" Seus olhos se iluminaram e não parecia ter notado a pergunta. "Então todo mundo em Kiniwata soube do caso das oito vacas?"

Meneei a cabeça afirmativamente.

"Aqui em Narabundi também todos o souberam." Seu peito expandiu-se de satisfação. "Agora e sempre, quando se falar em contrato de casamento, será lembrado que Johnny Lingo pagou oito vacas por Sarita."

Então é essa a resposta, pensei desapontado. Todo êsse mistério e admiração e no entanto foi unicamente vaidade. Não lhe basta ser conhecido como o mais hábil, o mais forte, o mais ligeiro. Tinha que obter mais fama com o preço pago pela espôsa. Senti-me tentado a humilhá-lo contando-lhe que em Kiniwata era considerado um trouxa.

Então eu a vi. Através das portas envidraçadas que davam para a arcada pude vê-la entrar no cômodo contíguo para colocar um vaso florido na mesa de refeições. Quedou-se um momento para sorrir docemente para o jovem ao meu lado. Depois saiu apressada. Era a mulher mais linda que me fôra dado ver. Não tinha a beleza das jovens que carregavam flôres. Beleza que agora me parecia barata, chã, terrena. Esta moça possuía um encanto etéreo que ao mesmo tempo parecia provir do âmago da natureza. As flôres viçosas com que prendera para trás o cabelo negro e



lustroso acentuavam o rosado das faces. O porte de seus ombros, o ângulo do queixo, o brilho do olhar, tudo traduzia o orgulho que ninguém poderia negar-lhe. Ao voltar-se para sair moveu-se com uma graça flexível que a fêz parecer uma rainha...

Quando acabara de sair voltei-me para Johnny Lingo e reparei que me fitava com olhos que refletiam o orgulho que a jovem lhe causava.

"Você a admira?", murmurou.

"Ela — ela é maravilhosa. Quem é?"

"Minha espôsa."

Fitei-o perplexo. Seria um costume que ainda desconhecia? Teria êle pelo preço de oito cabeças de gado adquirido Sarita e mais esta outra? Antes de conseguir formular a pergunta, Johnny prosseguiu:

"Esta é Sarita."

"Mas não a Sarita de Kiniwata", retruquei.

"Existe somente uma Sarita." Seu modo de pronunciar as palavras deram-lhe um sentido todo especial. "Talvez quisesse dizer que ela não se parece com a pessoa que lhe foi descrita em Kiniwata."

"Não parece não." O impacto da beleza da jovem fêz-me esquecer a discreção. "Contaram-me que era pouco atraente ou, pelo menos nada de especial. Todos caçoam de você porque se deixou enganar por Sam Karoo."

"O senhor acha que êle me enganou? Pensa que oito vacas foi um preço excessivo?" Um leve sorriso perpassou pelos seus lábios quando balancei a cabeça. "Logo teremos o festival da primavera e então levarei Sarita a Kiniwata para visitar seu pai e amigos. E êles poderão vê-la. Será que então ainda farão troça de nós?"

"Creio que não. Mas não entendo. Como pode ela ser tão diferente de como foi descrita?"

"Faz cinco meses que ela partiu de Kiniwata. Muita coisa mudou desde então. Mas o mais importante aconteceu no dia em que ela partiu."

"Você quer dizer, ela casou com você?"

"Sim, isso também. Mas antes de tudo o contrato de casamento."

"Contrato?"

"O senhor já pensou", indagou reflexivamente, "o que não deve significar para uma mulher saber que seu marido encontrou-se com seu pai para estabelecer o menor preço pelo qual ela pode ser comprada? E mais tarde, quando as mulheres comentam, como tôdas costumam fazer, orgulhosamente, o preço pelo qual foram compradas? Uma dirá quatro cabeças, outra talvez,

seis. Como se sentirá a mulher que foi vendida por uma ou duas? Isto não podia acontecer à minha Sarita."

"Então você pagou êsse preço sem precedentes apenas para torná-la feliz?"

"Feliz?" Parecia degustar a palavra com a língua para sentir-lhe o sentido. "Sim, eu queria que Sarita fôsse feliz, mas não apenas isso — muito mais. O senhor diz que ela é diferente do que a recordam em Kiniwata. É verdade. Muitas coisas conseguem modificar uma mulher. Umas internas, outras externas. Mas o mais importante é o que pensa de si mesma. Em Kiniwata Sarita achava que não valia nada. Agora sabe que tem valor... (muito grande)"

"Então você queria..."

"Eu desejava casar-me com Sarita. Eu a amava..."

"Mas..." eu estava quase compreendendo.

"Mas", atalhou meigamente, "eu queria uma espôsa que valesse oito cabeças de gado."

O AMOR DE JESUS

O Salvador vê em cada um de nós a possibilidade de tornarmo-nos um filho ou filha do Pai Celestial. Êle dispôs-se a pagar um preço muito alto para que tivéssemos essa oportunidade. Ninguém deve menosprezar seu próprio potencial, pois isto representaria a incapacidade de reconhecer a sabedoria e o amor envolvidos nas inúmeras dádivas que o Salvador nos deu, inclusive e principalmente, sua expiação.

Também nós podemos amar aos outros e a nós mesmos como êle nos ama. Eu pessoalmente, modificaria a última frase da história de Johnny Lingo. Em lugar de dizer, "Eu queria uma espôsa que valesse oito vacas", diria "Eu queria que Sarita se tornasse uma mulher que vale oito vacas." Isto, para mim, representa um tipo divino de amor. Significaria que não a encarava apenas como uma pessoa que satisfaria minhas necessidades como marido, mas que também estaria pensando nas necessidades dela, nos seus dons, seu potencial como mulher e como filha do Pai divino que está nos céus. Se eu a amasse dessa maneira, é quase certo que conseguiria inspirá-la. Quando os indivíduos amam dessa maneira uns aos outros, conseguem realizar coisas que cada um por si não seria capaz de alcançar, pois uns estimulam os outros.

Todos nós não poderemos expressar melhor nosso apreço pelo Mestre do que manifestando seu modo de amar para com tôda alma humana.



DE MÃOS DADAS

Num quente dia de verão dois missionários da Missão Indiana do Sudoeste tomaram sua camioneta e partiram através do belo deserto do Arizona. Sentiam-se alegres por estarem vivos e trabalhando na seara do Senhor. Por todo o vale podiam observar pequenos redemoinhos de pó provocados pelo vento por entre os arbustos de artemísia. A beira do caminho uma jovem navajo apascentava um pequeno rebanho de ovelhas. Trajava uma blusa de veludo azul vivo e longa saia colorida que lhe chegava aos tornozelos. Os moços ficaram impressionados com a modéstia desse povo.

Logo alcançaram a primeira cabana indígena que se assemelhava a um grande monte de terra com uma

Max Elliott



Os missionários estão descobrindo que a história do Livro de Mórmon e as tradições indígenas vão de mãos dadas.

porta e pequena janela. A certa distância era difícil distinguir a cabana do solo em que se assentava. Ao aproximarem-se da cabana de terra puderam ver uma carroça e dois cavalos amarrados sob a sombra de uma árvore. Notaram também que no caramanchão ou "ch'ah'ho" alguém começara a tecer uma linda manta.

Os missionários bateram na pequena porta da cabana e foram convidados a entrar. Durante os dois anos nos quais trabalhara entre esse povo maravilhoso, o missionário "sênior" somente em uma ou duas ocasiões não fôra convidado a entrar em seus lares.

Ao entrarem na cabana, os élderes foram recebidos por um velho navajo que reconheceram como sendo um dos líderes espirituais chamado "Ha taatii" ("cantor" em idioma navajo) mas entre os brancos apelidado de feiticeiro. Gentilmente reuniu sua família para ouvir os élderes. Sentados em círculo, cederam o lugar de honra aos missionários. Tal assento estava forrado com maravilhosa manta de lã tecida à mão e ficava em plano um pouco mais alto do que os que sentavam-se no chão. A família ficou silenciosa, os olhos cintilando de expectativa, à espera do que os missionários lhes contariam acerca da história de Mórmon.

A reunião em família iniciou-se com o habitual hino, sendo que o mais jovem dos missionários ofereceu a oração. Depois, o missionário "sênior", sentindo-se jovem demais e nervoso por tentar ensinar um homem tão idoso e sábio como o Ha taatii, abriu a pasta e dela retirou os quadros que preparara para ajudá-lo a contar-lhes a estória do Livro de Mórmon. Em idioma navajo, o jovem missionário falou-lhes de Léhi que há muito, muito tempo atrás trouxera sua família para a América; e sobre os maravilhosos anais que trouxeram também e que falavam de nosso Pai celestial e da criação da terra. O élder explicou-lhes que esse Livro de Mórmon continha muitos registros encontrados também no Velho Testamento. Contou-lhes também que seus ancestrais navajos haviam conhecido Jesus Cristo, o Filho de Deus; e que quando este nascera haviam recebido um sinal — três dias de luz. E que, quando Cristo fôra crucificado, houve outro sinal — três dias de trevas, grande destruição durante a qual toda a face da terra se modificara. Mais tarde, esse mesmo Jesus Cristo, que ressuscitara dos mortos, visitou seus antepassados na América e ensinou-lhes como viver e organizou sua verdadeira Igreja entre eles. Depois, par-

tiu prometendo que voltaria à terra algum dia. O jovem missionário prosseguiu explicando que após muitos anos o povo esqueceu os ensinamentos de Jesus e tornou-se muito iníquo. Houve inúmeras guerras; finalmente o povo nefita fôra destruído pelos lamanitas.

Os missionários falaram de Joseph Smith e que Jesus e Deus, o Pai, lhe haviam aparecido; como Jesus dissera a Joseph que a verdadeira igreja não mais existia na terra mas que fôra escolhido para restaurá-la. Então o missionário prestou seu testemunho, declarando-lhes que sabia que o Livro de Mórmon era verdadeiro e que a igreja verdadeira, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, fôra restaurada novamente na terra.

Durante todo o tempo a família índia ouviu o relato atentamente. O líder espiritual mostrava-se especialmente interessado e freqüentemente meneava a cabeça concordando. Quando o missionário terminou sua pregação, o ancião comentou excitado: "Hihi Beehózin El Hihi'hane", o que significa: "O conhecimento está conosco; essas coisas são nossa estória."

Falando em idioma navajo, disse aos missionários que sabia que a estória era verdadeira, pois era a HISTÓRIA DÉLES — a tradição navajo — que fôra transmitida de geração em geração entre seu povo — às vezes um pouco diferente, mas na essência a mesma. Seus ancestrais a haviam registrado em placas de ouro e metal. Mas a tribo navajo considera suas estórias muito sagradas e dificilmente falam sobre elas. Algumas contadas aos missionários se relacionavam com a Criação, o Dilúvio, a nuvem sobre a montanha, suas guerras e contendas com povos que usavam armaduras liderados por um homem armado de longa espada ou lança (alguns dizem que era branco). A estória dos Diné Naakitsáadoah NDakai (os Doze Apóstolos) é idêntica — doze homens que andaram entre o povo falando-lhes sobre o Pai Celestial. Quando perguntaram ao velho navajo os nomes dos Doze Discípulos, respondeu que, por tradição, eram muito sagrados e só podiam ser pronunciados na época do inverno.

Algumas tradições dos índios provocaram o sorriso dos missionários pois o relato estava distorcido por falsas doutrinas e lendas que haviam sido introduzidas no decorrer dos anos.

Que experiência emocionante a dos jovens missionários! Ao ouvirem o relato do ancião puderam sentir

“E serão, portanto, restaurados no conhecimento dos seus pais e também no conhecimento de Jesus Cristo tido por seus pais.”

a forte presença do Espírito do Senhor. As horas escoaram-se como minutos enquanto o velho lhes contava a história de seu povo, as tradições dos índios e como estas andavam de “mãos dadas” com a história do Livro de Mórmon. Na verdade era como “subirá da terra a tua voz como a de um fantasma”. (Isaías 29:4)

Quando os missionários saíram da cabana e desciaram o caminho poeirento até a camioneta, sentiram ainda a presença do Espírito do Senhor e concordaram em que era uma oportunidade maravilhosa poder trabalhar entre esse povo escolhido. Sabiam que, algum dia, os índios ocupariam o lugar que lhes cabia por direito de líderes do seu grande país, conforme promessa dos profetas:

E o Evangelho de Jesus Cristo ser-lhe-á anunciado; e serão, portanto, restaurados no conhecimento de seus pais, como também no conhecimento de Jesus Cristo, tido por seus pais.

E hão de regozijar-se; porque saberão que é uma bênção que lhes vem da mão de Deus; e de seus olhos começarão a cair as escamas da escuridão; e não se passarão muitas gerações entre eles sem que sejam um povo claro e agradável. (2 Néfi 30: 5,6)

O ENSINO AJUDA ... A HUMANIDADE

Depende de Como Você o Encara

Ray & Janet Balmforth



ANTES DA AULA

Isto talvez lhe dê algum trabalho, mas você o conseguirá. Além disso, é divertido! Procure dois quadros de tamanho idêntico — um mapa-mundi e um grupo de crianças ou jovens; cole os dois juntos pelo verso e deixe secar. Depois, corte-os em pedaços em forma de quebra-cabeça não muito complicado. Você necessitará também de dois pedaços de cartolina; o primeiro para montar o quebra-cabeça, e o segundo, para poder cobri-lo depois de montado, para que possa ser invertido sem desmontar-se. (Funcionará melhor se você praticar em casa.)

DURANTE A AULA

Reúna os alunos em redor de uma mesa e peça-lhes que montem o quadro que representa o grupo de pessoas. Certifique-se de que o fazem sobre um dos pedaços de cartolina. Eles verão que o verso representa um mapa mas você não deverá dizer-lhes o que este significa. Quando o quadro estiver completo, inverta-o cuidadosamente. (Se você não tiver praticado em casa, garanto que agora você desejaria tê-lo feito)

Debata os seguintes pensamentos com os alunos:

1. Quais as relações entre os jovens e o mundo?
2. O que significa: “Reúna devidamente a juventude e o mundo se tornará melhor?”
3. O que cada um de nós poderá fazer para tornar o mundo um lugar melhor para todos?

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais

ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR

"E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." João 8:32

ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR

"Criou Deus, pois, o homem à sua imagem." Gênesis 1:27

O NÔVO SISTEMA GIANT EM GENEALOGIA



Na conferência semi-anual da Igreja realizada em outubro de 1968, foi apresentado aos membros um sistema melhorado para apresentação de nomes para os trabalhos de ordenança templária. Tal método denominado GIANT (Genealogical Information and Name Tabulation) suscitou certas dúvidas entre os santos. Alguns indagaram se não mais será preciso fazer pesquisas genealógicas. Imaginavam que a Sociedade Genealógica faria todo o trabalho e que os santos teriam apenas de aguardar que esta completasse a tabulação dos nomes; depois restaria somente ir aos templos e realizar as ordenanças.

Esta interpretação é incorreta. Ao introduzir o sistema GIANT não ocorreu nenhuma alteração nas doutrinas da Igreja. A mudança afetou o processamento, simplificando a apresentação dos nomes para a obra das ordenanças no templo. Os santos devem prosseguir com as pesquisas e os nomes tabulados devem ser organizados em grupos familiares pelos próprios membros. O sistema GIANT facilita o trabalho mas não nos isenta da responsabilidade de procurar nossos ancestrais e entes já falecidos.

A doutrina da Igreja ensina que todo santo dos últimos dias tem a obrigação de identificar seus mortos e providenciar a realização das ordenanças templárias, a fim de que tôdas as famílias terrenas identificáveis possam ter as ordenanças salvadoras do Evangelho administradas em seu favor.

O sistema GIANT não desobriga os santos dessa responsabilidade. Embora a Sociedade Genealógica, através de seu Programa de Tabulação de Registros, passe a auxiliar a busca de nomes individuais a partir de registros civis e paroquiais, tal trabalho é apenas o início da grande obra que nos espera. O novo formulário individual de apresentação introduzido pelo sistema GIANT possibilita aos membros auxiliarem esse programa de arrolamento sistemático. As ordenanças templárias em favor desses indivíduos têm de ser realizadas por pessoas qualificadas. A subsequente organização das pessoas em famílias deve ser feita pelos próprios santos. Somente dessa maneira será possível ter certeza de que todos os membros foram identificados e os respectivos trabalhos realizados por eles.

Numerosas fontes de informação não serão cobertas pelo sistema de tabulação GIANT, sendo que essas terão que ser pesquisadas pelos santos e usadas na compilação de suas famílias em unidades organizadas. Isto será necessário para que as famílias aqui na terra possam ser seladas com as famílias nos céus.

Os santos em todo o mundo são encorajados a prosseguir com a obra de pesquisa genealógica e ensinar aos filhos o valor desse trabalho pelos entes que-

ridos já falecidos. A introdução desse novo método de tabulação de nomes auxiliará sua capacidade de execução do trabalho.

O grande princípio da doutrina da salvação para os vivos e os mortos é a interdependência mútua entre pais e filhos (antepassados e descendentes) no estabelecimento dos laços entre pais já falecidos e filhos vivos. O plano divino estipula que nem os filhos e nem os pais podem aperfeiçoar-se sozinhos. A união necessária é efetuada através do batismo e das ordenanças de exaltação associadas, administradas pelos vivos em favor dos entes falecidos.

O sistema GIANT permitirá acelerar a realização dessa obra. Os santos poderão executar os trabalhos pelos indivíduos, à medida que forem identificados, sem ser preciso completar todo o grupo familiar para só então realizar as ordenanças. Os ditos indivíduos ainda deverão ser reunidos em grupos familiares e a pesquisa precisa prosseguir.

A doutrina ainda continua sendo a mesma como foi revelada pelos profetas vivos de Deus. Os líderes do Sacerdócio precisam compreender o espírito e o poder da sua responsabilidade em promover essa obra entre os membros do quórum que presidem. Cada presidente de estaca, sumo-conselheiro supervisor da genealogia do Sacerdócio, bispo e líder de grupo dos sumo-sacerdotes deve continuar a pregar a doutrina de salvação para os mortos ainda com mais entusiasmo do que no passado.

O reino de Deus está crescendo rapidamente e ainda há muito trabalho a ser feito. Esta obra de salvação dos mortos é o trabalho que preparará o mundo para a vinda do Senhor. Será preciso exaurir todos os recursos para que essa obra de salvação possa ser completada antes da segunda vinda do Filho do Homem. A introdução do sistema GIANT para apresentação de nomes é um mero passo avante na simplificação do processamento para que cada membro da Igreja possa participar do objetivo final - auxiliar a redenção e salvação de todos os homens através de Jesus Cristo, nosso Senhor.

A grande mensagem do Evangelho é que a humanidade não será apenas redimida mas que também pode ser exaltada se os indivíduos estiverem dispostos a aceitar Jesus Cristo como seu Salvador e pagarem o preço da obediência necessário para a exaltação. Os santos vivos são sócios desse grande plano.

PÁGINA DAS CRIANÇAS

As Novas Roupas do Imperador

Hans Christian Andersen



Era uma vez um rei, tão exageradamente amigo de roupas novas, que nelas gastava todo o dinheiro. Ele não se preocupava com seus soldados, com o teatro ou com passeios pela floresta, a não ser para exibir roupas novas. Para cada hora do dia, tinha uma roupa diferente. Em vez de o povo dizer, como se costuma, com relação a outro rei: "Ele está em seu gabinete de trabalho", dizia: "O rei está no seu quarto de vestir."

A vida era muito divertida na cidade onde ele vivia. Um dia, chegaram hóspedes estrangeiros ao palá-

cio. Entre eles havia dois trapaceiros. Apresentaram-se como tecelões e gabavam-se de fabricar os mais lindos tecidos do mundo. Não só os padrões e as cores eram fora do comum, como, também, as fazendas tinham a especialidade de parecer invisíveis às pessoas destituídas de inteligência, ou àquelas que não estavam aptas para os cargos que ocupavam.

"Essas fazendas devem ser esplêndidas, pensou o rei. Usando-as, poderei descobrir quais os homens no meu reino, que não estão em condições de ocupar seus postos, e poderei substituí-los pelos mais capazes... Ordenarei, então, que fabriquem certa quantidade deste tecido para mim."

Pagou aos dois tecelões uma grande quantia, adiantadamente, para que logo comesçassem a trabalhar. Eles trouxeram dois teares nos quais fingiram tecer, mas nada havia em suas lançadeiras. Exigiram que lhes fosse dada uma porção da mais cara linha de seda e ouro, que puseram imediatamente em suas bolsas, enquanto fingiam trabalhar nos teares vazios.

— Eu gostaria de saber como vai indo o trabalho dos tecelões, pensou o rei. Entretanto, sentiu-se um pouco embaraçado ao pensar que quem fosse estúpido, ou não tivesse capacidade para ocupar seu posto, não seria capaz de ver o tecido. Ele não tinha propriamente dúvidas a seu respeito, mas achou melhor mandar alguém primeiro para ver o andamento do trabalho.

Todos na cidade conheciam o maravilhoso poder do tecido e cada qual estava mais ansioso para saber quanto estúpido era seu vizinho.

— Mandarei o meu velho ministro observar o trabalho dos tecelões. Ele, melhor do que ninguém, poderá ver o tecido, pois é um homem inteligente e que desempenha suas funções com o máximo de perfeição, resolveu o imperador. Assim sendo, mandou o velho ministro ao quarto onde os dois embusteiros simulavam trabalhar nos teares vazios.

"Não é possível!" pensou o velho ministro, abrindo bem os olhos. "Não consigo ver nada!"

Não obstante, teve o cuidado de não declarar isso em voz alta. Os tecelões o convidaram para aproximar-se a fim de verificar se o tecido estava ficando bonito e apontavam para os teares. O pobre ministro fixou a vista o mais que pôde, mas não conseguiu ver coisa alguma.

"Céus!" pensou ele. "Será possível que eu seja

um tolo? Se assim é, ninguém deverá sabê-lo e não direi a quem quer que seja que não vi o tecido."

"O senhor nada disse sobre a fazenda," queixou-se um dos tecelões.

"Oh! É muito bonita! É encantadora!" respondeu o ministro, olhando através de seus óculos. "O padrão é lindo e as cores estão muito bem combinadas. Direi ao rei que me agradou muito."

"Estamos encantados com sua opinião," responderam os dois ao mesmo tempo e descreveram as cores e o padrão especial da fazenda.

O velho ministro prestou muita atenção a tudo o que diziam, para poder reproduzi-lo diante do rei.

Os embusteiros pediram mais dinheiro, mais sêda e ouro para prosseguir o trabalho. Puseram tudo em suas bolsas. Nem um fiapo foi pôsto nos teares, e continuaram fingindo que teciam.

Algum tempo depois, o rei enviou outro fiél oficial para olhar o andamento do trabalho e saber se ficaria pronto em breve. A mesma coisa lhe aconteceu: olhou, tornou a olhar, mas só via os teares vazios.

"Não é lindo o tecido?" indagaram os tecelões, e leram-lhe as mais variadas explicações sobre o padrão : as cores.

"Eu penso que não sou um tolo," refletiu o homem. "Se assim fôsse, eu não estaria à altura do cargo que ocupo. Que coisa estranha!"

Pôs-se, então, a elogiar as cores e o desenho do tecido e, depois, disse ao rei: "É uma verdadeira maravilha!"

Todos na cidade não falavam noutra coisa senão nessa esplêndida fazenda, de modo que o rei, muito curioso, resolveu vê-la, enquanto ainda estava nos tea-

res. Acompanhado por um grupo selecionado de cortesãos, entre os quais se achavam os dois que já tinham ido ver o imaginário tecido, foi êle visitar os dois astuciosos impostores. Eles estavam trabalhando mais do que nunca nos teares vazios.

"É magnífico!" disseram os dois dignatários. "Veja Majestade, que delicadeza de desenho! Que combinação de cores!"

Apontavam para os teares vazios com receio de que os outros estivessem vendo o tecido.

O rei, que nada via, horrorizado pensou: Serei eu um tolo e não estarei em condições de ser rei? Nada pior do que isso poderia acontecer-me!"

Então, bem alto, declarou:

"Que beleza! Realmente merece minha aprovação."

Por nada dêste mundo êle confessaria que não tinha visto coisa alguma. Todos aqueles que o acompanhavam também não conseguiram ver a fazenda, mas exclamaram a uma só voz:

"Deslumbrante! Magnífico!"

Aconselharam êles ao rei que usasse a nova roupa, feita com aquele tecido, por ocasião de um desfile, que se ia realizar daí a dias.

O rei concedeu a cada um dos tecelões uma condecoração de cavaleiro, para ser usada na lapela, com o título de "cavaleiro tecelão".

Na noite que precedeu o desfile, os embusteiros



fizeram serão. Queimaram dezesseis velas para que todos vissem o quanto estavam trabalhando, para aprontar a roupa. Fingiram tirar o tecido dos teares, cortaram a roupa no ar, com um par de tesouras enormes e coseram-na com agulhas sem linha. Afinal, disseram:

"Agora a roupa do rei está pronta."

Sua Majestade, acompanhado dos cortesãos, veio vestir a nova roupa. Os tecelões fingiam segurá-la alguma coisa e diziam: "Aqui está a calça, aqui está o casaco e aqui, o manto. Estão leves como uma teia de aranha. Pode parecer a alguém que não há nada cobrindo a pessoa, mas aí é que está a beleza da fazenda."

"Sim!" concordaram todos, embora nada estivessem vendo.

"Poderia Vossa Majestade tirar a roupa?" propuseram os embusteiros. "Assim poderíamos vestir-lhe a nova, aqui, em frente ao espelho."

O rei fez-lhes a vontade e eles fingiram vestir-lhe peça por peça. Sua Majestade virava-se para lá e para cá, olhando-se ao espelho.

"Como lhe assentou bem o nôvo traje! Que lindas côres! Que bonito desenho!" diziam todos.

O mestre de cerimônias anunciou:

"A carruagem está esperando à porta, para conduzir Sua Majestade, durante o desfile."

"Estou quase pronto," respondeu ele.

Mais uma vez, virou-se, em frente ao espelho, nu-

ma atitude de quem está mesmo apreciando alguma coisa.

Os camareiros que iam segurar a cauda, inclinaram-se, como se fôsem levantá-la do chão e foram caminhando, com as mãos no ar, sem dar a perceber que não estavam vendo roupa alguma.

O rei caminhou à frente da carruagem, durante o desfile. O povo, nas calçadas e nas janelas, não querendo passar por tolo, exclamava:

"Que linda é a roupa nova do rei! Que belo manto! Que perfeição de tecido!"

Nenhuma roupa do rei obtivera tamanho sucesso!

Uma criança, que estava entre a multidão, no entanto, horrorizada com o que via gritou:

"Coitado! Ele está completamente nu!"

O povo, então, enchendo-se de coragem começou a comentar:

"Ele está nu! Ele está nu!"

O rei, ao ouvir êsses comentários, ficou furioso por estar representando um papel tão ridículo! O desfile, entretanto, devia prosseguir, de modo que se manteve imperturbável e os camareiros continuaram a segurar-lhe a cauda invisível. Depois que tudo terminou, ele voltou ao palácio, de onde, envergonhado, nunca mais quis sair.

Quanto aos dois supostos tecelões, desapareceram misteriosamente, levando o dinheiro e os fios de sêda e ouro.





Mariquinha Porco-Espinho não gostava de festas. Sempre inventavam dançar e ela ficava de fora pois ninguém a tirava. "Todo mundo tem medo dos meus espinhos pontiagudos", queixou-se ao amigo Tônico Esquilo. "Gostaria tanto de ser bonita e macia como você. Mas meus espinhos são tão aguçados e por isso não vou mais a festa alguma!"

"Mas você tem que ir. Todo o pessoal da floresta vai," respondeu Tônico, "embora concorde que você realmente tem um problema." Abanou sua cauda peluda pensativamente. "Já sei como resolvê-lo! Encrespe seus espinhos e assim eles se tornarão macios!"

"Mas como vou conseguir encrespá-los?" perguntou Mariquinha.

"As moças costumam encrespar seus cabelos com rolinhos," respondeu abanando o rabinho. "Nós podemos usar pedaços de galho. Sei onde encontrar bons galhos lá na colina. Vamos lá apanhar alguns."

Foi uma caminhada longa e penosa morro acima e Mariquinha arquejava a cada passo. Quando lá chegaram estava tão cansada que precisou deitar-se um pouco até recuperar o fôlego. Ali de cima pôde ver todo o vale, todo o caminho até sua casa e o lago de água gelada além da estrada.

Tônico teve que fazer todo o trabalho sozinho. Finalmente exclamou: "Já catei galhos suficientes para fazer os rolinhos. Agora você só tem que molhar seus espinhos."

Assim que chegaram em casa, Mariquinha foi ao lago e entrou na água. No mesmo instante pulou fora! Que água gelada! Tomara desse bons cachos. Tomou um pedaço de galho e o deu ao Tônico. "Você terá que fazer os rolos, pois não posso ver o que faço nem alcançar as cerdas das costas."

Tônico pegou um punhado de cerdas. "Aai!" guinchou. "Como picam."

"Eu sei," retrucou Mariquinha, muito infeliz.

"Você não encontrará ninguém que a ajude," comentou Tônico. "Temos que pensar em outra maneira de encrespar os espinhos."

"Estou por demais cansada," queixou-se Mariquinha.

"Já sei!" exclamou Tônico depois de abanar o rabinho algum tempo. "Os homens dizem que comer cenouras faz seus cabelos encresparem. Então também devem ter o mesmo efeito em cerdas, tenho toda a certeza."

"Eu não suporto comer cenoura" retrucou Mariquinha, "mas vou tentar comê-las."

Mariquinha passou a comer cenouras de manhã, no almoço e no jantar, como merenda, ceia e ainda fora de hora. Ela comeu só cenouras durante quinze dias.

Tôdas as manhãs tocava as cerdas, mas estas continuavam tão duras e espinhentas como antes. Na verdade, na décima quinta manhã pareciam ainda mais pontiagudas. "A próxima festa é daqui a três dias, e eu não irei," declarou ao Tônico.

"O que você acha de cachos de cenouras?" perguntou este.

"Cachos de cenoura? O que é isto?"

"São uma coisa que os homens costumam fazer. Eles sabem encrespar aipo e cenoura em água gelada."

"Não sou nem uma coisa nem outra!" disse Mariquinha. "Aipo! Cenoura! Eu sou mas é um cardo gordo e espinhento."

Tônico saiu correndo e pulando por entre os arbustos e Mariquinha não tornou a vê-lo até o dia da festa, quando de manhã bem cedinho ele apareceu carregando um feixe embrulhado em papel que entregou a ela.

Mariquinha abriu o pacote. Tônico trouxera-lhe cenouras! Dúzias de cenouras.

Ela não sabia se ria ou chorava. "Mas que esquilo maluco que você é!" exclamou ela.

Mas Tônico estava por demais ocupado para responder. Primeiro arrancou as folhas das cenouras e as jogou fora. Depois começou a cortar a polpa amarela em tiras com seus dentes agudos. Em seguida jogou tôdas as tiras na água gelada do lago. Pouco depois, pescou um punhado de belos cachos dourados!

Mariquinha de tão espantada não conseguiu falar.

"Fique quieta" ordenou Tônico. Pegou uma das tiras cacheadas e a espetou num espinho. Depois outra, mais outra, e logo ela estava coberta de cachos.

"Eu vou à festa!" ela gritou excitada.

No baile, todos os animais da floresta fizeram fila para dançar com Mariquinha, o porco-espinho de cerdas cacheadas. Quando chegou sua vez, Tônico disse: "Agora você não precisa mais comer cenoura. Só precisa usá-las e pronto, seus espinhos viram cachos."

Mariquinha não parava de rir. "Eu me cansava tão depressa. Hoje já dancei setenta e sete vezes e ainda estou como nova. E só porque comi tantas cenouras. De qualquer forma, aprendi a gostar delas."

E foi muito bom que assim fôsse, porque adivinhem qual era o refrêscos servido no baile?

Suco de cenouras!



Por Tôda a Eternidade Se Não Pelo Tempo

Élder Harold B. Lee
do Conselho dos Doze

A guisa de texto para êste breve artigo que me foi solicitado pela presidência da Sociedade de Socorro, desejo contar-lhes duas estórias reais que podem ser repetidas muitas vêzes entre os membros da nossa Igreja atual.

A primeira: Como missionário recém-desobrigado, participei como orador dos serviços fúnebres em memória duma fiel e devotada ex-missionária que eu sempre conhecera como pessoa extremamente desprendida, dedicada; uma professora eficiente expoente dos princípios corretos. Ela faleceu vitimada por enfermidade infecciosa incurável. Ao aproximar-se o desenlace, ela determinara detalhadamente o serviço fúnebre que seria realizado após sua morte. Por isso, todos os participantes dêsse serviço sagrado estavam vividamente cômescios, como eu também, que cada um de nós havia sido escolhido por representar uma fase distinta de sua vida, por demais curta, pela qual seria lembrada pela família, entes queridos e amigos íntimos.

Minha humilde contribuição seria recordar seus anos de missionária da Igreja. Pouco antes de deixar sua cidade, onde servira como professora secundária após sua formatura na Universidade de Brigham Young, o patriarca lhe dera uma memorável bênção patriarcal. Tôdas as bênções especificamente prometidas se haviam cumprido, exceto uma, e isto me deixara perturbado, pois na minha opinião nenhum ser humano poderia ter vivido uma vida mais cristã do que ela. Por que então essa última bênção lhe havia sido negada? Pois o Senhor, por intermédio do seu patriarca, lhe prometera que se tornaria uma das mães em Israel. Ela nunca se casara e portanto, em sua vida mortal, não tivera o privilégio da maternidade. Comentei êsse

a vida não começa com o nascimento nem termina com a morte

ponto no meu discurso fúnebre e levantei a questão sem resposta: "Por que?"

A segunda: Um casal pediu uma entrevista procurando esclarecimento e ajuda para seus corações atormentados e confusos e para fortalecer sua fé. Haviam acabado de receber um telegrama das autoridades militares informando-os em termos severos e concisos da morte trágica de seu jovem filho. Este, mal acabara sua missão, havia sido chamado a prestar seu serviço militar. Antes de partir, também ele recebera uma bênção patriarcal na qual fôra prometido que teria posteridade de filhos e filhas. As palavras do patriarca não tinham sido inspiradas? Então por que não se cumpriu essa promessa, uma vez que sabiam com certeza que seu filho vivera de modo a merecer tôdas as promessas feitas aos fiéis que vivem os mandamentos do Senhor?

Após minhas palavras no primeiro caso, falou o patriarca e ex-presidente da estaca, como último orador. Ele referiu-se a dois princípios vitais claramente estabelecidos pelas Escrituras, explicando a doutrina de que a "vida" não começa com o nascimento mortal nem termina com a morte. Quando um patriarca dá uma bênção inspirada, esta abrange a vida inteira e não somente o que chamamos de mortalidade. "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens." (1 Cor. 15:19) declarou o Apóstolo Paulo. Se não compreendermos essa grande verdade, somos realmente "infelizes" e nossa fé às vezes é desafiada. Com a fé que "transcende" o túmulo, confiando que a Divina Providência trará tôdas as coisas em sua própria perspectiva e no devido tempo, temos esperança e nossos temores se acalmam. "Fé não é ter um perfeito conhecimento das coisas", declarou o Profeta Alma, "portanto, se tendes fé, tendes esperança nas coisas que não se vêem e que são verdadeiras." (Alma 32:21)

Essa irmã fiel, o patriarca explicou, ainda que não tivera o privilégio de gerar filhos durante sua mortalidade, poderá, no devido tempo do Senhor, através das sagradas ordenanças templárias, ser selada a um espôso digno, sendo que êsse selamento pela autoridade divina, se aceito por ambos, poderá permitir no mundo do além uma santa união pelos vínculos conjugais eternos com promessa de posteridade além-túmulo.

Foi em relação ao progresso eterno que o Senhor, por revelação, declarou àqueles que ingressam nêsse convênio eterno do matrimônio e são fiéis até o fim, que teriam "exaltação e glória em tôdas as coisas, conforme selado sôbre as suas cabeças, glória que será uma plenitude e uma continuação das sementes para todo o sempre." (D&C 132:19)

A fim de esclarecer ainda melhor esta revelação o Profeta Joseph Smith explicou: "Mas aqueles que são casados pelo poder e autoridade do Sacerdócio nesta vida, e continuarem sem cometer pecado contra o Espírito Santo, continuarão a progredir e a terem filhos na glória celestial." (DHC, V, pg. 391)

Como o Apóstolo Pedro explicou, depois da ressurreição do Mestre e como resultado de sua visita ao mundo dos espíritos, o Senhor pregou-lhes o Evangelho a fim de que "mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus". (1 Pedro 4:6) Em outras palavras, isto significa que para os que forem dignos nesta vida e que aceitarem a obra vicária realizada pela autoridade do Senhor nos seus templos, tais ordenanças são tão eficazes como se estivessem vivos. Se assim não fôsse, conforme o Senhor explicou a Pedro, a quem as chaves do reino foram dadas no meridiano dos tempos, "as portas do inferno" prevaleceriam contra a Igreja de Jesus Cristo. Sem essa obra vicária, instituída em favor dos fiéis que "morrem no Senhor", a missão do sacrifício expiatório do Mestre não seria estendida àqueles mencionados nos exemplos citados e muitos outros que o poderiam ter sido.

Vós, entes queridos daquela missionária fiel, aguardai o dia glorioso do cumprimento da promessa de maternidade, e vós, pais do filho digno a quem foi prometido posteridade, não desesperéis. A seu próprio modo e no devido tempo, o Senhor realizará tôdas as coisas à sua própria maneira. Graças a Deus!

Tempos atrás tive a oportunidade de escrever alguns comentários dirigidos às numerosas irmãs fiéis que até agora ou que nesta vida terrena não alcançaram o propósito maior das mulheres. É conveniente que repita, com algumas modificações, parte do que eu disse então:

"Vós, jovens mulheres que no decorrer dos anos não aceitastes propostas de casamento, se vos mantiverdes dignas e preparadas para ir à casa do Senhor e se tendes fé nêsse princípio sagrado (do casamento para a eternidade), ainda que não alcanceis tal privilégio agora (durante a mortalidade), sereis recompensadas pelo Senhor e nenhuma bênção vos será negada. Não tendes a obrigação de aceitar uma proposta de alguém que não é digno de vós, somente por temer não receber as bênçãos que almejais. Como também, vós, jovens que perdeis a vida em plena juventude por acidente, enfermidade fatal ou devido aos terríveis conflitos da guerra, antes de terem a oportunidade de contrair matrimônio — o Senhor conhece o intento de vossos corações e no seu devido tempo vos recompensará com a oportunidade, através das ordenanças templárias instituídas na Igreja com êsse propósito."

Recordemos o incidente ocorrido quando o Profeta Joseph Smith viu em visão seu pai, sua mãe e seu irmão Alvin no reino celestial de Deus. Esse seu irmão havia falecido em 1824, antes que Igreja tivesse sido organizada, e Joseph ficou admirado de como seria possível que êle estivesse na glória celestial. Então ouviu a voz do Senhor: "Todos aqueles que morreram

sem conhecerem o Evangelho e que o teriam aceito se ainda estivessem vivos, serão herdeiros do reino celestial de Deus, pois eu, o Senhor, julgarei todos os homens segundo suas obras, de acôrdo com o desejo de seus corações." (DHC II:380).

O mesmo acontece com todos aqueles a quem se destina esta mensagem. Façam todo o possível para cumprir as leis de Deus referentes à exaltação no reino dêle. O Senhor os julgará também de acôrdo com as obras bem como segundo os desejos do coração e a recompensa lhes estará garantida.

Tenho como muito significativo que as estatísticas da Igreja, ano após ano, apresentam um número quase idêntico de homens e mulheres. Acaso vocês supõem que seja apenas uma coincidência e que o fato pode ser explicado somente pela teoria científica? Ou será que a Providência solícita e onisciente providenciou assim, a fim de que todos os membros jovens da Igreja, de ambos os sexos, possam encontrar seu companheiro, aqui na mortalidade ou no além, e assim serem herdeiros da plenitude das bênçãos através do matrimônio eterno?

A IGREJA NO ALASCA

conclusão da página 8

A Igreja tem crescido mais rapidamente na área metropolitana de Anchorage e Fairbanks. Em 13 de agosto de 1961, foi organizada a Estaca do Alasca, com 1.850 membros. O belo centro da Estaca do Alasca foi dedicado em Anchorage apenas cinco anos depois. Hoje, tendo quase dobrado o número de membros que tinha quando da organização da Estaca, há quatro alas em Anchorage, uma em Fairbanks (as duas alas originais foram combinadas numa só, após a desastrosa enchente de 1967), uma em Palmer, e ramos em Chuquiat, Delta Junction e na Base Aérea de Eielson.

Os ramos da missão são Juneau, com 449 membros; Soldatna, 359; Ketchikan, 273; Kodiak, 167; Sitka, 100; Homer, 93; Seward, 42; Annette, 24 e 358 membros no Ramo Distrital do Alasca. Êste último congrega os membros que vivem em áreas remotas e que não podem reunir-se devido às distâncias e dificuldades de viagem. O Pres. do Ramo, Harold V. Walther, residente em Anchorage, comunica-se com êles por cartas e mediante um pequeno jornal, o *Ice-Breaker* (Quebra-Gêlos).

Muitas das alas já completaram ou estão em vias de completar belas capelas. Uma das mais encantadoras é a de Ketchikan, onde o edifício foi construído como uma grande mansão, para que possa ser facilmente vendido quando o ramo estiver apto a construir uma capela maior.

A península de Kenai, ao sul de Anchorage, está experimentando um grande surto de crescimento, graças à descoberta de valiosa jazida petrolífera ao largo da costa. Em 1958 (ano anterior à inclusão do Alasca como Estado na União), a primeira Escola Dominical SUD de Soldatna foi organizada com três famílias. Em 21 de julho de 1968, apenas dez anos depois, cêrca de 300 membros da Igreja reuniram-se na bela capela do ramo de Soldatna para ouvir a oração dedicatória proferida pelo élder Le Grand Richards, do Conselho dos Doze. E os membros dêste próspero ramo já estão planejando a segunda fase do seu programa de construção.

De Kodiak a Ketchikan, de Nome a Seward, onde quer que se encontrem membros da Igreja, há um ar de pioneirismo moderno. A despeito de extremas condições climáticas, de iluminação (22 horas de luz diurna no verão e 22 horas de escuridão noturna no inverno) e de distâncias, os santos trabalham unidos para ajudar a erguer o reino de Deus. Terremotos devastadores, maremotos, inundações têm causado grande dano, o qual de alguma forma é reparado, lares e capelas são reconstruídos e os laços entre as pessoas são fortalecidos. Os mesmos elementos que no passado desencorajavam os colonos, hoje estão se conjugando para unir estreitamente os alascanos, trazendo grandes benefícios e fôrça à Igreja e aos seus membros do Alasca.

**O
BISPO
PRESIDENTE
fala a juventude
sôbre**

Bispo John H. Vandenberg

Testemunho

Na primeira metade do século dezenove ocorreu o mais significativo evento da história moderna. Um jovem subiu o caminho tortuoso que o levava da casa paterna a um pequeno bosque existente na propriedade, com o propósito de falar a Deus em oração. Embora fôsse apenas um menino de fazenda, iletrado, de família humilde, sentiu que, se o pedisse em oração, Deus lhe daria o entendimento que procurava.

A decorrente experiência iniciou uma série de acontecimentos que resultaram na restauração do Evangelho de Jesus Cristo, com o Sacerdócio e as chaves existentes em anteriores dispensações.

Esse jovem, Joseph Smith Jr., tornou-se um dos grandes profetas de Deus. Ele e sua missão têm sido descritos da seguinte forma:

"Joseph Smith, o Profeta e Vidente do Senhor, com exceção só de Jesus, fêz mais pela salvação dos homens neste mundo, do que qualquer outro homem que jamais viveu nêle. No curto espaço de vinte anos, trouxe à luz o Livro de Mórmon, o qual traduziu pelo dom e poder de Deus, e fêz com que fôsse publicado em dois continentes; enviou a plenitude do Evangelho eterno, nêle contido, aos quatro cantos da terra; recebeu e publicou as revelações e mandamentos que compõem êste livro de Doutrina e Convênios, e muitos outros sábios documentos e instruções para o benefício dos filhos dos homens; ajuntou muitos milhares de Santos dos Últimos Dias, fundou uma grande cidade, e deixou fama e nome que não podem ser destruídos. Viveu grande e morreu grande aos olhos de Deus e de seu povo; e como a maior parte dos ungidos do Senhor dos tempos antigos, com o seu próprio sangue selou a sua missão e suas obras..." (D&C 135:3)

Hoje, cêrca de 150 anos após Joseph Smith ter procurado aquêle bosque, podemos ver os frutos do trabalho dêsse profeta do Senhor dos últimos dias.

Milhares de jovens e a Igreja como um todo, proclamam ao mundo a mensagem da restauração do Evangelho de Jesus Cristo em sua plenitude e pureza.

Tôdas as pessoas no mundo que buscam diligentemente e com fervorosas orações acêrca da veraci-

dade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e o chamado divino do Profeta Joseph Smith e daqueles que o sucederam podem receber uma resposta do Pai assim como a recebeu o jovem Joseph.

Assim como o resto das pessoas no mundo, vocês, a juventude da Igreja, precisam fazer um esforço semelhante para receber o testemunho do Espírito Santo com relação à veracidade da restauração do Evangelho. Também para vocês, o testemunho não é um processo automático; êle sômente virá após sentirem-se "famintos e sedentos" dêle. Isto significa que precisam sentir um desejo muito mais intenso do que tão sômente a procura passiva.

Parley P. Pratt, um dos primeiros membros do Conselho dos Doze, descreveu seu forte desejo de compreender a verdade do Livro de Mórmon:

"Eu o abri (o Livro de Mórmon) com impaciência e li a página de rosto e depois o testemunho das diversas testemunhas em relação à maneira pelo qual foi encontrado e traduzido. Em seguida passei a ler o texto a partir do princípio. Eu lia o dia inteiro; comer tornou-se um fardo pois não sentia fome; dormir também o era quando caía a noite, pois preferia ler a ter que fazê-lo.

Enquanto lia, o espírito do Senhor permanecia comigo e eu soube e compreendi que o livro era verdadeiro tão clara e manifestamente como o homem compreende e sabe que vive. Sentia-me plenamente feliz o regozijo foi mais do que suficiente para compensar tôdas as tristezas, sacrifícios e labuta da minha vida." (Autobiography of Parley Parker Pratt, p. 37.)

Para aqueles que realmente desejam um testemunho da veracidade do Evangelho, o caminho para obtê-lo é claro. Primeiro, o Senhor pede que estudemos o Evangelho diligentemente. Ao falar a Oliver Cowdery êle esclareceu a importância do estudo diligente: "Eis que não compreendeste; tu supuseste que Eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.

Mas, eis que Eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois Me debes perguntar se é correto..." (D&C 9:7,8)

Como o disse o Senhor, o estudo diligente do Evangelho é vital para ganhar-se um testemunho. Tal estudo edifica a fé; proporciona convicções sôbre as quais o testemunho pode ser edificado. O Apóstolo Paulo disse que a fé é baseada na "certeza" (Heb. 11:1) e o estudo a proporcionará.

A par do estudo, um outro ponto muito importante para a obtenção de um testemunho pessoal, é viver-se o Evangelho e guardar os mandamentos. O Salvador falou acêrca dêsse particular na busca do testemunho: "O meu ensino não é meu, e, sim, d'Aquele que me enviou.

Se alguém quiser fazer a vontade d'Êle, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo." (João 7: 16, 17)

Alma, o profeta nefita, ao desafiar o povo a testar suas palavras, pronunciou-se de maneira idêntica: "...eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercerdes um pouco de fé, sim, ainda mesmo que não tenhais mais do que o desejo de acreditar, fazei com que êsse

desejo cresça em vós, até o ponto de crer que há lugar em vós para uma parte de minhas palavras." (Alma 32:27)

A obediência aos mandamentos de Deus é essencial no preparo da pessoa para receber um testemunho. A importância de tal preparação pessoal pode ser exemplificada com Lamã e Lemuel que, embora vissem e ouvissem um anjo de Deus, não estavam pessoalmente preparados e por isso essa grande experiência não afetou suas vidas.

Terceiro, para obter um testemunho, é preciso dirigir-se ao Pai em oração humilde, como o fez o Profeta Joseph, e descobrir como êle, e como o confirmam milhares de outras pessoas, que as seguintes palavras do Senhor são verdadeiras:

"Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida." (Tiago 1:5)

Depois de ter estudado diligentemente o Evangelho, de ter pautado sua vida pelos princípios nêle ensinados e rogado a Deus em oração que lhe confirme a veracidade da restauração do Evangelho, então você deve ter capacidade de reconhecer a resposta do Senhor quando Êle lhe der.

Muitos acreditam que o testemunho vem como coisa dramática, altamente emocional. Mas geralmente êle se manifesta como um sentimento de que o Evangelho é verdadeiro. E ainda que seja uma experiência inexplicável, ela é real. O Senhor descreveu o sentimento da seguinte maneira: "...hás de sentir assim que é certo." (D&C 9:8)

Certa ocasião, o Senhor falou a Oliver Cowdery sôbre o poder e a realidade dessa experiência. Disse:

"Em verdade, em verdade te digo que, se desejas outro testemunho, volve a tua mente para a noite que em teu coração Me imploraste para que pudesses saber a verdade com respeito a essas coisas.

Não dei a paz à tua mente quanto ao assunto? Que maior testemunho podes receber que o de Deus?" (D&C 6: 22, 23)

Ganhar um testemunho do Evangelho deveria ser o objetivo principal de todo jovem na Igreja. Não pode haver bem maior ou mais significativo. Referindo-se ao seu desejo de ganhar um testemunho quando jovem, o Presidente McKay disse: "Compreendi na juventude que a coisa mais preciosa que um homem pode obter nesta vida é um testemunho da divindade desta obra. Eu o desejava ardentemente; sentia que se pudesse obtê-lo, tudo mais deixaria de ter importância." (The Improvement Era, setembro de 1962, pg. 628).

Eu espero que todo jovem e môça na Igreja deseje, acima de tudo, como o fizeram o jovem Joseph Smith e o moço David O. McKay, o testemunho da veracidade do Evangelho de Jesus Cristo e que, com êsse desejo, todo jovem então procederá de acôrdo com o que o Senhor ensinou para obter seu testemunho pessoal.

Ê esse testemunho pessoal do Evangelho que lhes proporcionará perspectiva e propósito, ao enfrentarem as decisões cotidianas da vida, como também um significado e propósito maiores às suas responsabilidades sacerdotais, atividades da Igreja, relações domésticas, namôro e, na verdade, a cada faceta de suas vidas.



Juventude da Promessa

Sem Preocupação Alguma

William Mitt Romney

Ao iniciar minha missão, soube de um missionário que tentava obter permissão para prolongar seu trabalho nesse campo. Confesso que então não pude entendê-lo. Agora meu aprêço pelo trabalho missionário mudou consideravelmente. A princípio parecia-me uma coisa composta só de exigências — estudo, mais estudo, faça com que as pessoas o ouçam, faça com que as pessoas leiam o Livro de Mórmon — eu pensava que nada mais havia numa missão. Tudo o que podia discernir eram os pequenos detalhes da obra que tentava realizar — não conseguira captar o quadro geral que realmente retrata uma missão.

Agora eu o consegui. Esta missão fêz mais pela minha formação do que qualquer outra fase da minha vida. A missão é o maior programa de treinamento para o sucesso que existe; somente na missão o jo-

vem emprega todo o seu tempo tentando fazer com que as pessoas o ouçam e entendam seus argumentos, tentando ser bem sucedido. Foi aqui na missão que cheguei a entender realmente o significado da vida — por que estou aqui e para onde desejo ir.

Fico assombrado com o pouco que sabia acêrca do Evangelho. É verdade, conhecia uma porção de fatos, mas não conseguira apreendê-los. Ouvira as pessoas dizer que o Evangelho foi e é uma mensagem de felicidade e boas novas, mas não entendera o porquê. Agora, aqui na missão, comecei a sentir a alegria por ter sido o Evangelho dado ao homem.

Foi aqui que descobri o significado da palavra sucesso — ser digno de entrar no mundo celestial, ter certeza do nosso chamado e de sermos os eleitos.

Aqui as coisas mundanas e materiais passaram

para um segundo plano; e dando importância às coisas que realmente **são** importantes, sou mais feliz do que jamais fui. Cristo prometeu que se buscássemos primeiro o seu reino, todas as outras coisas nos seriam acrescentadas. Eu sei que é verdade.

Embora conte somente 21 anos de idade, sou líder da mais importante organização da França — a Igreja de Jesus Cristo. Onde e quando terei novamente tanta autoridade e responsabilidade como agora? E quando novamente serei capaz de consagrar todo o meu tempo e energias a um cargo como este?

Talvez seja um dos pontos mais fantásticos numa missão. É a única oportunidade na vida em que consagramos tudo o que temos a um único objetivo — servir ao Senhor. Em casa há escola, finanças, casamento, filhos, preocupações com o que os outros possam pensar. Aqui existe apenas uma coisa.

Em casa, quando não gostava de uma coisa, eu me afastava; aqui, não posso. Tenho de enfrentá-la, aprender a me haver com situações e pessoas difíceis. Como é importante descobrir que conquistamos uma coisa da qual em outras circunstâncias teríamos fugido!



Em casa, quando tentava convencer alguém ao meu ponto de vista e não era bem sucedido, procurava outro alguém que o fizesse. Aqui não posso desistir tão facilmente. Os contatos são tão raros que lutamos até a morte antes de desistir. E então, quando finalmente sentimos o gosto da vitória, admiramo-nos de não termos estourado de tanta felicidade.

Cada dia é empregado na tentativa de ser melhor sucedido, realizando coisas difíceis, e progredindo em virtude disso.

Prestar testemunho; ensinar; orar de joelhos pela conversão de um investigador; pedir a orientação do Senhor para o problema de um membro; sentir o Espírito Santo usar-me para ensinar e exortar; colocar minhas mãos com as de um apóstolo sobre a cabeça de um enfermo e traduzir para este sua bênção de saúde; chorar ao ouvir a transmissão de uma conferência geral; encontrar companheirismo entre pessoas que em casa nunca pensaríamos em escolher como amigos — amizades agora tão profundas que deixá-las é como



deixar a família; levantar às 6 horas — frouto, cansado, indisposto, "quebrado", mas sem preocupação alguma; viver para os outros, dependendo somente de Deus; sentir alegria quando ouvimos o sucesso alheio — onde mais poderia ter conhecido essas coisas a não ser na missão?

Não obstante, suponho que seja apenas o começo. A missão é a época em que escolhemos o caminho a seguir. Se conseguir manter a direção, minha alegria duplicará, triplicará, se multiplicará eternamente. Casamento para a eternidade, serviço à Igreja, filhos, serviço ao mundo e a meu país! Realmente o Senhor deve amar-nos para nos dar tanta alegria!

(Mitt, de 21 anos, filho de George Romney, Secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano do Gabinete do Presidente Nixon dos EUA, enviou esta carta a seus pais da sua missão na França, sendo transcrita com permissão dos mesmos.)



OFÍCIOS DO SACERDÓCIO

Richard O. Cowan

Em sua importante revelação sôbre o Sacerdócio, o Senhor esclareceu que todos os ofícios são complementos do Sacerdócio de Melquisedeque. (Veja Doutrina e Convênios 107:2-5) Isto significa que tais ofícios, em vêz de aumentarem a autoridade sacerdotal, dependem do Sacerdócio para sua autoridade. Cada ofício tem suas próprias funções que foram delineadas nas revelações do Senhor.

É proveitoso estabelecer distinção entre **ofícios sacerdotais** (que discutiremos a seguir) e **ofícios eclesiásticos**. Depois de lhe ser **conferido** o Sacerdócio a pessoa só poderá perdê-lo por excomunhão. (1) Os ofícios do Sacerdócio são recebidos por **ordenação**. Por outro lado, os **ofícios eclesiásticos** são dados por **designação** em caráter temporário; a pessoa os ocupará até ser desobrigado. (2)

O ofício de bispo é um ofício sacerdotal e também eclesiástico. O sumo-sacerdote que receber tal chamado é **ordenado** no ofício sacerdotal de bispo e **designado** para o ofício eclesiástico como bispo ou sumo-sacerdote presidente de uma certa ala. Após sua desobrigação, se transferir-se para outra ala e fôr novamente chamado como bispo, não seria preciso ordená-lo novamente mas apenas designá-lo como bispo da nova ala.

Primeira Presidência

Os conselheiros da Primeira Presidência são **designados** como conselheiros do Presidente da Igreja em exercício. Por conseguinte, com a morte do presidente, os conselheiros são automaticamente desobrigados e o quórum da Primeira Presidência completamente dissolvido.

Na história da Igreja, o número básico (três) da Primeira Presidência tem sido suplementado por outros conselheiros em diversas ocasiões. Em 1837, Joseph Smith teve conselheiros adicionais; (3) em 1873, Brigham Young nomeou cinco conselheiros assistentes; (4) hoje em dia, o Presidente McKay tem cinco conselheiros.

Ofícios do Sacerdócio Aarônico

Os deveres específicos dos ofícios do Sacerdócio Aarônico estão delineados em Doutrina e Convênios 20: 46-59. Notem como as responsabilidades desses ofícios são cumulativas — os deveres anteriores não são extintos quando o portador do sacerdócio avança para ofícios mais elevados. Notem também como for-

talecer terceiros no Evangelho é uma parte essencial de cada ofício.

Os deveres do bispo, oficial presidente dentro do Sacerdócio Aarônico, são especificados em outras seções de Doutrina e Convênios (Veja 58:17, 18; 68:14-24; 107: 68-75)

Ofícios do Sacerdócio de Melquisedeque

Jesus Cristo é o cabeça da Igreja. Sob sua direção existe um profeta ou seja o "Presidente do Sumo Sacerdócio" (Veja Doutrina e Convênios 107:64,65) Sob o "Presidente do Sumo Sacerdócio" situa-se o Conselho dos Doze Apóstolos ou testemunhas especiais de Cristo. (Veja Doutrina e Convênios 107:23).

Sob essa liderança são formadas estacas que apoiam a Presidência e os Doze. O homem que fica à testa de uma estaca organizada é chamado "presidente local". (Veja Doutrina e Convênios 124:134, 135) Como a Primeira Presidência, cada estaca tem um conselho dos doze para auxiliar seu presidente, sendo chamado de "sumo-conselho permanente". (Veja Doutrina e Convênios 107:36) Sob essa liderança existem élderes chamados "ministros estacionários". (Veja Doutrina e Convênios 124:137) Dêsse modo a organização da estaca se parece com a Presidência e os Doze.

Como "ministro estacionário" o élder tem como principal responsabilidade administrar as coisas espirituais no nível local (Veja Doutrina e Convênios 124:137; 107: 11, 12), mas também pode ser chamado a viajar como missionário. (Veja Doutrina e Convênios 84:111) à semelhança dos Doze, os setentas são chamados como "testemunhas especiais" de Cristo "aos gentios no mundo todo" (Doutrina e Convênios 107:25) Ao contrário dos élderes e sumo-sacerdotes, eles têm a responsabilidade de deixarem o lar quando necessário e atuar como "**ministros viajantes**" (107:97) ou "**élderes viajantes**" (124:138-139) no interesse da obra missionária. O sumo-sacerdote é um "presidente local" (Doutrina e Convênios 124:133-135) com o chamado de presidir a organização local da Igreja. Notem como o termo "local" é aplicado àqueles cujas principais responsabilidades são locais enquanto que "viajante" descreve os demais. Assim, os Doze constituem um "sumo-conselho **viajante**" (Doutrina e Convênios 107:34) em contraste com o "sumo-conselho **permanente**" local das estacas. (107:36) Todos esses oficiais podem ser

descritos como "ministros" ou pastores — em muitas línguas essas duas expressões são idênticas.

O Patriarca

Na revelação, o patriarca (pai-chefe) é denominado "ministro evangélico" ou evangelista. (Doutrina e Convênios 107:39 e respectivas referências no rodapé) Esse título deriva-se de Evangelho. Assim, patriarca é aquele que aplica os princípios do Evangelho às vidas dos indivíduos através de bênçãos inspiradas.

Quóruns

Os quóruns são organizados para auxiliar seus membros a viverem o Evangelho e se prepararem melhor para o desempenho de seus deveres sacerdotais. (Veja, por exemplo, Doutrina e Convênios 107:89). O livro Doutrina e Convênios especifica o tamanho dos quóruns completos; notem como o número é duplicado de ofício para ofício. (Veja o esquema a seguir)

"Que Agora Todo Homem Aprenda Seu Dever"

O esquema mencionado mostra que nem todos os ofícios do Sacerdócio foram restaurados por ocasião da organização da Igreja em 1830. Enquanto houver um profeta vivo orientando a Igreja através de revelações, o processo da restauração prosseguirá. Recentemente, a correlação do Sacerdócio e a designação de representantes regionais dos Doze constituíram importante melhoramento.

O Senhor prometeu grandes bênçãos àqueles que "magnificarem" ou ampliarem a importância de seus chamados através de serviço devotado. (Veja Doutrina e Convênios 84:33-41) No fim dessa importante revelação acerca do Sacerdócio, o Senhor fez a seguinte exortação:

...Que agora todo homem aprenda o seu dever, e aprenda a agir com toda diligência no ofício para o qual fôr escolhido. (D&C 107:99)

1. Joseph F. Smith, The Improvement Era, vol. 11, pg. 456-466.
2. Harold B. Lee, Church News, 26 de agosto de 1961, pg. 8-10.
3. Veja Documentary History of the Church, vol. 2, pg. 509; Journal History, 3 de setembro de 1837.
4. Veja Journal History, 8 de abril de 1873.

OFÍCIOS DO SACERDÓCIO

SACERDÓCIO AARÔNICO — Restaurado por João Batista no dia 15 de maio de 1829 (Doutrina e Convênios 13; Documentary History of the Church, v.1, p. 39, 40)

OFÍCIO	FUNÇÕES	QUÓRUNS	RESTAURADO	REFERÊNCIAS
Diácono	Prevenir e ensinar; deveres temporais (20:59)	12 diáconos (107:85)	1830	1 Timóteo 3:8-13
Mestre	Zelar sempre pela Igreja (20:53-58)	24 mestres (107:86)	1830	Eféios 4:11 1 Coríntios 12:28
Sacerdote	Pregar, ensinar, explicar, exortar, batizar, administrar o sacramento e ordenar (20:46-52)	48 sacerdotes (107:87-88) o bispo é o presidente do quórum	1830	Hebreus 10:11 Atos 6:7
Bispo	"Um juiz em Israel" (58:16-18; 107:72-74); administrar as coisas temporais (107:68)		4/2/1831 veja seção 41	1 Tomóteo 3:1-7 Tito 1:7-9

SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE — Restaurado entre 15 de maio e 30 de junho de 1829. (Documentary History of the Church, v.1, p. 40, 42)

Élder	Ministro estacionário (124:137) administrar as coisas espirituais (107:12), ordenar, impor as mãos para conferir o Espírito Santo, conduzir reuniões (20:38-45)	96 élderes (107:89)	6/4/1830	Atos 14:23 Tiago 5:14 1 Pedro 5:1
Setenta	Élder viajante (124:139) pregar o Evangelho ao mundo e servir de testemunha especial aos gentios de todo o mundo (107:25)	70 membros, inclusive 7 presidentes (107:45)	28/2/1835	Lucas 10:1
Sumo-sacerdote	Presidente local (124:134) presidir estacas e alas e administrar coisas espirituais (107:12) e temporais (107:71)	sem número determinado, inclui todos os sumo-sacerdotes da estaca	3 a 6 de junho de 1831	Hebreus 5:1, 2,6; 7:11. Notem que ambos os Sacerdócios são mencionados.
Patriarca	Ministro evangélico para proclamar o Evangelho através de bênçãos inspiradas (107:39-100); ofício "...a ser passado de pai a filho" e por direito pertence à semente escolhida; essa ordem foi instituída nos dias de Adão (107:40-41)		18/12/1833	Atos 21:8
Apóstolo	Testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo (107:23); conselheiro viajante para ordenar e pôr em ordem todos os outros oficiais da Igreja (107:58)	12 apóstolos (107:23-24)	14/2/1835	Eféios 4:11-14 Mateus 16:19
Presidente do Sumo-Sacerdócio	Presidente da Igreja (107:91); e do Sacerdócio (107:65-67); profeta, vidente, revelador (21:1; 107:92)			
Presidência da Igreja ou Presidência do Sumo-Sacerdócio	Formar um quórum da Primeira presidência (107:22); presidir sobre a Igreja e o Sacerdócio (90:13; 112:30); presidir sobre os Doze (107:33); possuir as chaves do reino (81:2)	3 sumo-sacerdotes presidentes (conselheiros adicionais podem assistir ao quórum)	25/1/1832 (Primeira Presidência organizada em 18/3/1833)	Eféios 2:19-21

Referências de Doutrina e Convênios.

Referências do
Nôvo Testamento



O Presidente Hal R. Johnson, primeiro presidente da Missão Brasileira do Norte, reunido com sua família.

Missão Brasileira do Norte Primeiro Aniversário

F. Máximo

Durante o Seminário de Presidentes de Missão levado a efeito em Montevidéu, em novembro de 1967, os presidentes Thomas F. Jensen, da Missão Brasileira do Sul, e Lloyd R. Hicken, da Missão Brasileira, conferenciaram com os élderes Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze, e Franklin D. Richards, Assistente desse Conselho, sobre a exequibilidade de uma divisão da Missão Brasileira e de uma revisão dos limites da Missão Brasileira do Sul. O Apóstolo solicitou então um estudo detalhado da distribuição populacional da área em consideração e informações sobre os ramos e distritos das regiões.

No comêço de 1968, as autoridades consultadas responderam por carta que a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze haviam autorizado a divisão da Missão Brasileira para dar origem à Missão Brasileira do Norte, e alterações nos limites das Missões Brasileira e Brasileira do Sul. De conformidade com o novo dispositivo, a Missão Brasileira incluiria os Estados e São Paulo, Paraná e sul de Mato Grosso. A Missão Brasileira do Sul seria constituída pelos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em 13 de março de 1968, Hal R. Johnson recebeu um chamado telefônico do Pres. N. Eldon Tanner, da Primeira Presidência, convidando-o a comparecer, em companhia da esposa, a uma entrevista em Salt Lake City. Dessa entrevista resultou o chamado do Irmão

Johnson para presidir a Missão Brasileira do Norte, a ser brevemente criada.

A 7 de julho de 1968, deu-se oficialmente a criação da Missão Brasileira do Norte, sob a direção do Pres. Hicken. Para integrarem a presidência na qualidade de conselheiros e secretário foram chamados, respectivamente, os irmãos Walmir Silva, Stewart Burton e Walter M. Bradley.

Missão que cobre vasta área e atinge cidades tão distantes entre si como Brasília, Juiz de Fora e Fortaleza, a nova unidade da Igreja não pode deixar de sofrer os infortúnios das comunicações difíceis. Não obstante, por ocasião da comemoração do seu primeiro aniversário, a Missão Brasileira do Norte já conta com dois distritos bastante fortes: Pernambuco, presidido por Milton Soares; e Rio de Janeiro, presidido por João Antônio Dias Filho, e com um total de 17 ramos em rápido desenvolvimento, frequentados por mais de quatro mil membros. Com um número crescente de conversões, resultado do incansável esforço de cerca de 100 missionários, alguns deles brasileiros conversos, o número de membros deverá dobrar dentro do próximo quinquênio. Com essa perspectiva diante de si, assim se expressou o Pres. Johnson a respeito: "Sinto que há muitas pessoas maravilhosas nesta parte do Brasil esperando a sua oportunidade de poderem ouvir o Evangelho Restaurado, pelo que há uma grande promessa para o futuro da Igreja aqui."

Quando as Crianças Põem-se a Fazer Perguntas

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Logo aprendemos quão pouco sabemos quando as crianças põem-se a fazer perguntas. Muitas vezes elas nos penetram o âmago e na sua inocência inquisitiva e honesta, revelam-nos nossa própria dissimulação. Querem saber. Mas nós lhes damos apenas palavras. Como crescem as sementes? Por que está frio? O que faz ficar escuro? O que faz o meu coração bater? O que me faz mover? Por que? O que? Como você sabe? As nossas primeiras respostas freqüentemente não satisfazem — e um outro “por que” poderia seguir-se a cada resposta. A vida é uma interrogação para todos nós, ao encararmos o fato de que sabemos muito menos do que às vezes supomos. O que faz com que duas células se unam e se dividam tornando-se uma pessoa viva? Como funciona a memória? Quem deu ao corpo a sabedoria de curar-se a si mesmo? Quem deu aos animais o seu instinto? O que faz a água expandir-se ao congelar-se? (Se não o fizesse este haveria de ser um mundo muito diferente). Como tudo veio a ser? Descobrimos, observamos. Aprendemos a usar as forças da natureza. Observamos suas leis em operação. Explicamos com palavras — sem entretanto conhecermos muito sobre as respostas últimas, a intenção, o propósito, o primeiro motor, a origem de tudo. O verniz de sofisticação e erudição, no final das contas, é uma camada comparativamente rala, e somente estamos usando os fatos e forças cedidos por Deus. “Suspeito”, teria dito Harold B. Lee, “que os homens não têm descoberto nada de que o Criador já não estivesse cômico.” — e em tudo há ampla evidência de que o Autor e Administrador de tudo o que é, está muito vivo, e mantém a criação no seu curso, o qual é a nossa certeza de que a primavera virá e de que as estações suceder-se-ão umas às outras, para que possamos ter a nossa safra, e de que a vida continuará segundo o plano e propósito, a despeito das nossas tribulações, pequenas ou grandes — e não há lugar para presunção ou vaidade em quem quer que seja, não importa o quanto possa pensar que possa ter aprendido. A humildade, juntamente com a fé, a reverência e o respeito, assenta bem em todos nós. Logo aprendemos quão pouco sabemos quando uma criança põe-se a fazer perguntas.